

de estudos de caso, o volume oferece, no seu conjunto, uma proposta de investigação de grande rigor e exigência que, pode dizer-se, estabelece um paradigma teórico-metodológico que transporta a abordagem do tema para um novo patamar. Por outro lado, sendo resultado de um diálogo em curso que a bem conseguida estrutura do volume consegue espelhar de forma muito viva, as abordagens propostas, ao mesmo tempo que sistematizam as questões fundamentais em presença, não têm a pretensão de as “esgotar”, pelo contrário, acabam por formular mais perguntas do que respostas, oferecendo, assim, inúmeras pistas para investigações futuras.

Estamos, assim, perante uma ampla cartografia transnacional da complexidade de problemas situados no entrecruzamento das questões da violência, da memória, do trauma e da identidade sexual que representa, indubitavelmente, um marco na consolidação de um campo de estudos de flagrante urgência e relevância. Seja na versão inglesa, seja na alemã, substancialmente idênticas, este volume fica a constituir uma referência indispensável.

### Referências bibliográficas

- Zipfel, Gaby. 2012. “‘Vamos lá curtir um bocado’. Relação entre identidade sexual, violência e sexualidade em conflitos armados.” *Revista Crítica de Ciências Sociais* 96: 31-46.
- Zipfel, Gaby, Regina Mühlhäuser, e Kirsten Campbell (orgs.). 2019. *In Plain Sight. Sexual Violence in Armed Conflicts*. New Delhi: Zubaan Academic.

***Feminismo para os 99%. Um manifesto*, de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. Tradução de Eurídice Gomes. Lisboa: Objectiva, 2019, 136 pp.**

 Célia Taborda Silva

Universidade Lusófona do Porto, Porto, Portugal  
celia.taborda@ulp.pt

O livro *Feminismo para os 99%*, da autoria de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, apresenta-se sob a forma de um manifesto, à semelhança do *Manifesto do Partido Comunista* escrito por Marx e Engels, em 1848. Como qualquer manifesto, é uma denúncia, uma provocação, que traz a lume aquilo que são as limitações do feminismo liberal, burguês e capitalista, mas é também uma chamada de atenção para o novo feminismo emergente, que é internacionalista, pró-ambientalista e antirracista, e um guia do feminismo para os 99%. Tal como outros

movimentos sociais, entre eles o *Occupy Wall Street* (Chou 2015), cujo *slogan* era “We are the 99%”, denunciando um sistema que favorece os 1% que dominam a política e a economia global em detrimento dos restantes 99% da população, o manifesto *Feminismo para os 99%* denuncia o feminismo liberal, o do 1%. O feminismo liberal e progressista é identificado, neste livro, com mulheres burocratas, das quais é destacada Sheryl Sandberg (p. 11) e a sua teoria do *Lean in*, exposta no seu livro *Lean In: Women, Work and the Will to Lead* (2013), que simboliza o feminismo empresarial, personifica as meritocracias elitistas e defende a partilha da gestão do trabalho por homens e mulheres da classe dominante, expondo as mulheres mais desfavorecidas às opressões do capitalismo. As autoras defendem uma segunda via para o feminismo, um feminismo anticapitalista, que se transforme num feminismo para os 99%.

Este livro/manifesto é composto por onze teses, precedidas por uma introdução, ao longo das quais se demonstra que o sistema liberal e capitalista está em declínio e que é preciso promover um “outro” feminismo com uma “nova definição das questões feministas, com uma orientação de classe diferente, com um novo espírito – radical e de mudança” (p. 16).

Assim, na primeira tese, as autoras expõem como uma nova onda feminista está a reinventar a greve, utilizada noutras performances do movimento feminista. Esta onda tornou-se num movimento feminista global que pode abalar o atual mapa político. A transnacionalização do movimento veio com a transformação do dia internacional da mulher de 8 de março de 2017 num dia de greve, tendo as suas organizadoras repolitizado este dia, aproximando-o das suas raízes proletárias e socialistas. Hoje, “as greves feministas reivindicam as suas raízes nas lutas históricas pelos direitos dos trabalhadores e justiça social”, sendo a sua arma a solidariedade. Esta é uma nova forma de fazer greve que a democratiza, expande o seu escopo de ação e amplia o conceito de trabalho, abarcando não só o trabalho remunerado, mas também o trabalho doméstico e o do “sexo e sorrisos”.

A segunda tese mostra que o feminismo liberal está falido, logo tem que ser substituído e está na hora de virar a página. De acordo com as autoras, o feminismo liberal é um problema para uma mudança do feminismo. E isto porque está centrado no hemisfério norte, entre a classe executiva, assentando numa visão mercantilista da igualdade que facilita a escalada ao poder de um grupo de mulheres privilegiadas. Desta forma, o liberalismo promove o elitismo e o individualismo e, neste sentido, o feminismo liberal não se preocupa com as questões de classe e raça. As autoras consideram mesmo que o “feminismo liberal dá má fama ao feminismo” (p. 31).

Na terceira tese, as autoras salientam que é preciso um feminismo anticapitalista, que dê resposta às questões ambientais, à falta de condições de vida, às desigualdades e opressões criadas pelo capitalismo. Um feminismo que concentre as preocupações de todas as mulheres, que promova uma transformação social profunda e se torne uma “fonte de esperança para toda a humanidade” (p. 34).

Na quarta tese referem que estamos a viver uma crise social em todas as suas vertentes, a crise do capitalismo globalizante e neoliberal. As crises criam um vazio de poder e fazem aparecer “maus atores” à espreita de brechas nos “discursos hegemónicos” (p. 39), que tentam, inclusive, capturar os movimentos feministas, mas o Feminismo para os 99% estará atento e na vanguarda da promoção da mudança.

Na quinta tese destacam que, nas sociedades capitalistas, a opressão de género está alicerçada na subordinação da reprodução social à produção. A reprodução social, um papel atribuído essencialmente às mulheres, é desvalorizada pelo capital, que evita pagar por este trabalho, logo é um problema feminista. Não obstante, é “atravessado em toda a sua extensão pelas linhas fraturantes da classe, da raça, da sexualidade e da nacionalidade” (p. 45), pelo que as questões em torno da reprodução social e os eixos de dominação com ela relacionados ocupam uma posição central nas reivindicações do Feminismo para os 99%.

Nas teses seis, sete e oito, enfatizam como a violência de género, o enquadramento sexual, e a discriminação racista e colonial foram enredadas nas relações sociais capitalistas, exercendo violências contra as mulheres que recusam uma conformidade com os papéis e as identidades normativas de género. Consideram, na sexta tese, que a violência de género na atualidade é o resultado das dinâmicas pessoais e societárias capitalistas, sendo uma “patologia sistémica” (p. 57). Na tese seguinte, analisam o modo como tanto o campo conservador como o progressista encaram a sexualidade, mas quer a versão tradicional quer a liberal têm por base formas de normalização e consumismo. Na oitava tese evidenciam como o capitalismo global está ligado ao imperialismo, xenofobia e exploração do trabalho migrante, já que o capital, na ânsia de aumentar os seus lucros, explora recursos naturais e capacidades humanas sem nada pagar.

As três últimas teses (nove, dez e onze) têm um carácter mais político, afirmando as autoras na nona tese que o feminismo para os 99% é ecossocialista, defende o ambiente, a paz e a verdadeira democracia. Apresentam a ligação entre a crise ecológica e o capitalismo, demonstrando como este sistema não se interessa realmente com as questões ambientais, e mostram como são as mulheres as que se preocupam mais com a sustentabilidade do planeta. Na décima tese, falam da atual crise política que afasta muita gente por todo o mundo dos partidos convencionais, porque o capitalismo é antidemocrático e imperialista, potenciando os conflitos bélicos, de que as maiores vítimas são as mulheres, sendo, no entanto, justamente elas as protagonistas na procura por uma “solução emancipadora” (p. 90). As autoras estão solidárias com as mulheres que sentem algum tipo de violência todos os dias e não com as burocratas de saias. Na décima primeira tese apelam à união de todos os movimentos radicais que se posicionam contra o capitalismo, como os ambientalistas, os antirracistas, os anti-imperialistas, os pró-LGBTQ+, os sindicalistas, para uma sublevação conjunta. Após ter sido feito o diagnóstico ao longo das teses anteriores, nesta última apela-se à ação. Uma ação conjunta e con-

certada com outros movimentos sociais que permitiria ter uma “insurgência alargada e global” (p. 97), numa aliança de esquerda.

O livro termina com um epílogo, em que as autoras, de alguma forma, justificam como chegaram a este manifesto, apesar de considerarem a tarefa “intimidante”. Fizeram-no por entenderem ser este o momento que “representa uma conjuntura decisiva na história do feminismo e do capitalismo, um momento que exige, e permite, uma ação” (p. 105). Este é um manifesto político que visa “reorientar as lutas feministas num momento de confusão política” (p. 106).

Neste posfácio, as autoras realçam três argumentos principais. O primeiro é o de que o capitalismo, entendido num sentido amplo, não só como sistema económico-social, mas englobando as relações e práticas “aparentemente não-económicas” (p. 107), está em crise. As contradições por si criadas, não só económicas mas também políticas, sociais, ecológicas, de reprodução social, atingiram o “ponto de ebulição”, daí as muitas contradições do capitalismo serem uma das premissas deste Manifesto.

No segundo argumento retornam à questão da reprodução social focando-se na sua ligação às assimetrias de género. Segundo as autoras, o capital transfere essa atividade para as mulheres sem que daí advenha qualquer compensação. Marx no seu *Manifesto* expunha a injustiça infligida ao operariado no local da produção por parte do capital numa perspetiva de obtenção do lucro. Na reprodução social há uma injustiça face ao género feminino, a quem cabe essencialmente essa tarefa, uma vez que as mulheres têm que “trabalhar mais horas do que as necessárias para nos reproduzirmos a nós mesmos, às nossas famílias e às infraestruturas da sociedade em que vivemos” (p. 114), apropriando-se o capital desse excedente de forma gratuita. Daí que o objetivo das lutas da reprodução social seja “instaurar o primado da produção de pessoas sobre o da produção de lucros” (p. 118).

O terceiro argumento mostra como este modelo de reprodução social está em crise, bem como o capitalismo, e revela a necessidade de valorizar o trabalho reprodutivo. O capitalismo sobrevive graças ao trabalho de reprodução social, relacionado com o cuidado: ter e cuidar dos/as filhos/as, cuidar da família, cuidar dos/as idosos/as. Contudo, esse trabalho fundamental para a sobrevivência da sociedade não é considerado e remunerado como tal. Só uma reorganização radical da relação entre produção e reprodução assegurará “atividades de reprodução social com trabalho seguro, bem remunerado e livre de assédio” (p. 127).

O epílogo termina com o manifesto político do Feminismo para os 99%. O capitalismo criou uma crise que não consegue resolver, e a solução, para as autoras, passa por uma nova forma de organização social. Os contornos dessa alternativa não são resolvidos neste Manifesto, mas aparecerão no decurso da luta para alcançar o universalismo do Feminismo para os 99%.

### Referências bibliográficas

- Arruzza, Cinzia, Tithi Bhattacharya, e Nancy Fraser. 2019. *Feminismo para os 99%. Um manifesto*. Tradução de Eurídice Gomes. Lisboa: Objectiva.
- Chou, Mark. 2015. "From Crisis to Crisis: Democracy, Crisis and the Occupy Movement." *Political Studies Review* 13(1): 46-58. DOI: <https://doi.org/10.1111/1478-9302.12070>